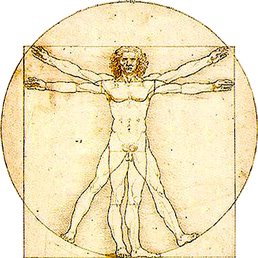
**Humanismo - Século XV**

**(Material teórico complementar)**

****

* Momento histórico: crise no sistema feudal
* Teocentrismo diminui
* Início: nomeação de Fernão Lopes guarda mor da Torre do Tombo
* Humanização da Cultura
* Alfabetização maior
* Revolução popular 1383/1395 (Avis)
* D. Fernando morre
* Poder com a esposa D. Leonor Teles (espanhola de nascimento)
* Liga-se ao Conde de Andeiro (espanhol) e procuram unir Portugal à Espanha
* Povo rebela-se liderado pelo Mestre de Avis - filho bastardo de D. Pedro I - D. João I
* Prosa historiográfica, didática, moralizante, poesia palaciana, teatro de Gil Vicente
* Antropocentrismo
* Mecenatismo
* Peste Negra em 1348 (elimina-se mais de um terço da população)
* Guerra dos Cem anos - Inglaterra e França (1337 – 1453)
* Igreja - dois Papas simultâneos = crise
* Regiocentrismo - poder centralizado nas mãos do rei
* Morre Rei D. Fernando - D. João - expansão marítima
* Transição entre Idade Média e Mundo Renascentista
* Ascendem os valores burgueses

***A produção literária em Portugal desse período deve ser assim organizada:***

* Prosa: crônicas históricas de Fernão Lopes; prosa didática.
* Poesia: poesia palaciana, recolhida no Cancioneiro Geral de Garcia Resende.
* Teatro: dramaturgia de Gil Vicente.

No mundo todo, a prosa literária é uma manifestação que surge depois da poesia. Não podendo ser memorizada com a mesma facilidade dos poemas, a prosa necessita de algumas condições específicas para surgir e se definir enquanto gênero, tais como uma língua mais evoluída e formas mais sofisticadas de pensamento.

Em Portugal não foi diferente: as manifestações literárias da primeira época medieval caracterizavam-se pelo predomínio da oralidade e, por essa razão, as cantigas trovadorescas tiveram maior destaque. Já no século XV, na segunda época medieval, a prosa e o teatro ganharam o primeiro plano, sendo seguidos pela poesia palaciana.

A produção literária portuguesa da segunda época medieval representa um momento de transição entre a literatura trovadoresca e o **Renascimento** do século XVI e, como em toda transição, o velho e o novo conviviam ente si. Assim, ao mesmo tempo em que se mantinham alguns aspectos das cantigas - por exemplo, a idealização amorosa -, aspectos novos surgiram preparando a literatura renascentista: por exemplo, a poesia amorosa de fundo sensual. O termo **Humanismo** é utilizado para designar o estudo das letras humanas em oposição à teologia.

***As crônicas de Fe******rnão Lopes***

Crônica é o nome que se dá à narração dos feitos da nobreza na idade média. Fernão Lopes foi incumbido de escrever sobre os acontecimentos de diversos períodos históricos. Esse autor se destacou por não se limitar a tecer elogios aos reis, como era comum na época. Faz descrições mais detalhadas, não só do ambiente da corte, mas também das festas populares e do papel do povo nas festas e rebeliões. Soube sintetizar em suas narrativas toda a tradição da prosa anterior, da novela de cavalaria à crônica histórica ou moralista, preparando terreno para as novelas sentimentais, surgidas a partir do século XVI. Também pode ser apontado por explorar com propriedade a tensão dramática criada pelo confronto de personagens e de situações, bem como por caracterizar suas personagens de forma bem definida e finalmente por preparar, com o nacionalismo e o sentimento de coletividade presente em suas crônicas, o ambiente para o surgimento da grande epopeia de Camões - *Os Lusíadas*.

***Cancioneiro Geral de Garcia de Resende***

Coletânea de [poesia palaciana](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=6_178) portuguesa publicada em 1516 por iniciativa de [Garcia de Resende](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_97), que assim pretendia conservar para a posteridade um registro das grandezas dos portugueses.

O cancioneiro geral inclui composições de vários gêneros, em português e castelhano, de cerca de trezentos autores, datadas da segunda metade do século XV e de inícios do século XVI, produzidas nas cortes dos reis D. Afonso V, D. João II e D. Manuel. Os poemas refletem o ambiente palaciano e aristocrático em que foram criados e, a par de manterem algumas características do lirismo peninsular, denotam já influências de Dante e [Petrarca](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=6_182). O Cancioneiro Geral inclui poesia amorosa, satírica, religiosa, histórico-épica e dramática. Alguns poetas nele incluídos merecem ser destacados — são os casos de [Diogo Brandão](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_254), Duarte de Brito, [Jorge d'Aguiar](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_266), o [conde de Vimioso](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_265), [João Roiz de Castel-Branco](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_30), [Bernardim Ribeiro](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_99), [Sá de Miranda](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_71), e o próprio [Garcia de Resende](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_97).

***ALGUMAS POESIAS***

Trovas que Garcia de Resende fez à morte de D. Inês de Castro, que el-rei D. Afonso, o Quarto, de Portugal, matou em Coimbra por o príncipe D. Pedro, seu filho, a ter como mulher, e, polo bem que lhe queria, nam queria casar. Endereçadas às damas.

Senhoras, s'algum senhor  
vos quiser bem ou servir,  
quem tomar tal servidor,  
eu lhe quero descobrir  
o galardam do amor.  
Por Sua Mercê saber  
o que deve de fazer  
vej'o que fez esta dama,  
que de si vos dará fama,  
s'estas trovas quereis ler.

Fala D. Inês  
  
Qual será o coraçam  
tam cru e sem piadade,  
que lhe nam cause paixam  
úa tam gram crueldade  
e morte tam sem rezam?  
Triste de mim, inocente,  
que, por ter muito fervente  
lealdade, fé, amor  
ó príncepe, meu senhor,  
me mataram cruamente!  
  
A minha desaventura  
nam contente d'acabar-me,  
por me dar maior tristura  
me foi pôr em tant'altura,  
para d'alto derribar-me;  
que, se me matara alguém,  
antes de ter tanto bem,  
em tais chamas nam ardera,  
pai, filhos nam conhecera,  
nem me chorara ninguém.  
  
Eu era moça, menina,  
per nome Dona Inês  
de Castro, e de tal doutrina  
e vertudes, qu'era dina  
de meu mal ser ó revés.  
Vivia sem me lembrar  
que paixam podia dar  
nem dá-la ninguém a mim:  
foi-m'o príncepe olhar,  
por seu nojo e minha fim.  
  
Começou-m'a  
desejar,  
trabalhou por me  
servir;  
Fortuna foi ordenar  
dous corações conformar  
a úa vontade vir.  
Conheceu-me, conheci-o,  
quis-me bem e eu a ele,  
perdeu-me, também perdi-o;  
nunca té morte foi frio  
o bem que, triste, pus nele.  
  
Dei-lhe minha liberdade,  
nam senti perda de fama;  
pus nele minha verdade  
quis fazer sua vontade,  
sendo mui fremosa dama.  
Por m'estas obras pagar  
nunca jamais quis casar;  
polo qual aconselhado  
foi el-rei qu'era forçado,  
polo seu, de me matar.

***A Poesia*** ***Palaciana***

As cantigas trovadorescas e os trovadores medievais deixaram de existir em meados do século XIV. Dessa época até 1450 (portanto, durante um século) a poesia sofreu uma intensa crise, quase desaparecendo.

Tal fato está relacionado com a nova ordem de preocupações e valores que envolviam Portugal no século XV: uma visão de mundo burguesa, voltada para as coisas práticas, em especial para as navegações e os sonhos de conquista ultramarina. Somente a partir de 1450 é que se verificaram novamente certas condições necessárias ao florescimento da poesia na época: uma vida cultural mais intensa e prestigiada nas cortes; um rei (D. Afonso V) protetor das letras, e uma nobreza que se voltava para o rei e para a vida palaciana.

Assim, a poesia que daí surgiu é palaciana, aristocrática e sofisticada. Diferentemente das cantigas trovadorescas, que eram cantadas e dançadas, a poesia palaciana distanciou-se do acompanhamento musical, do canto e da dança e passou a ser lida ou declamada. Por isso tendeu a aprimorar-se tecnicamente, buscando expressividade nas próprias palavras.

Observando-se a forma, os poemas de então fazem uso consciente de rimas, métricas e ritmos bem marcados, de ambiguidades e jogos de palavras, e de aliterações e de figuras de linguagem em geral. A métrica empregada são principalmente as redondilhas: a maior, com sete sílabas poéticas e a menor, com cinco. De acordo com a disposição dos versos e das estrofes, os poemas da época são chamados **vilancetes** (um mote de dois ou três versos e uma glosa de sete), **cantigas** (um mote de quatro ou cinco versos e uma glosa de oito a dez) e **esparsas** (única estrofe com número de versos que varia entre oito e dezesseis).

Quanto ao conteúdo, embora a poesia palaciana tenha retomado os temas do Trovadorismo, acrescentou a eles aspectos novos, inspirados na atmosfera do Renascimento emergente.

Observemos a concepção de amor existente nestes dois textos da época, o primeiro do poeta Aires Teles, e o segundo do poeta Conde de Vimioso.

**Texto 1.**

Meu amor, tanto vos quero

que deseja o coração

mil coisas contra a razão

Porque se não vos quisesse,

como poderia ter

desejo que me viesse

do que nunca pode ser.

mas com tanto desespero,

Tenho em mim tanta afeição

que deseja o coração.

**Texto 2.**

Meu amor, tanto vos amo,

que meu desejo não ousa

desejar nenhuma cousa.

Porque, se a desejasse,

logo a esperaria,

e se eu a esperasse

si ue vós anojaria:

mil vezes a morte chamo

meu desejo não ousa

desejar-me outra cousa.

Como se observa, enquanto o primeiro texto defende que todo amor deve ser acompanhado do desejo, sem o qual o verdadeiro amor não existe, o segundo compreende que o ponto alto do amor está em nada desejar, porque o desejo conduz à realização e ao prazer, que destrói o amor.

No segundo texto, ao *amor cortês trovadoresco,* somaram-se as influências do poeta humanista italiano Petrarca, com sua concepção amorosa imaterial e inacessível. Porém, contrariamente a essa tendência, surgiu na mesma época uma forte onda de sensualismo, vinda do interesse pela cultura pagã, como deixa claro o primeiro texto.

A poesia palaciana foi coletada pelo poeta *Garcia de Resende* e publicada na obra *Cancioneiro Geral,* de 1516, contento textos de 1450 até a data da publicação da coletânea. Como o objetivo do poeta era apenas o de não deixar aquela produção poética desaparecer por falta de registro, a qualidade dos textos reunidos é bastante desigual. Verifica-se ainda, um predomínio da lírica sobre a sátira.

A seguir um poema palaciano de João Roiz de Castelo-Branco.

**Cantiga, partindo-se**

tam doentes da partida,

tam cansados, tam chorosos,

da morte mais desejosos

cem mil vezes que da vida.

Partem tam tristes os tristes,

tam fora d'esperar bem,

que nunca tam tristes vistes

outro nenhuns por ninguém.

Senhora, partem tam tristes

meus olhos por vós, meu bem,

que nunca tam tristes vistes

outros nenhuns por ninguém.

Tam tristes, tam saudosos,

***O teatro de Gil*** ***Vicente***

***Foto em preto e branco de pessoa com rosto pintado

Descrição gerada automaticamente***

Nos primórdios do século XIV, era costume na corte portuguesa, durante os ofícios religiosos do Natal, pastores irromperem na capela, e dançando e cantando, para louvar o Deus menino. Eis que na noite de 7 para 8 de julho de 1502 um homem fantasiado de vaqueiro repentinamente entra na câmara da rainha D. Maria, mulher de D. Manuel de Portugal, a qual havia dado à luz a um menino, futuro rei D. João III. Esta manifestação agradou os presentes e foi pedido ao seu autor e intérprete que a repetisse nos festejos de Natal, em honra ao nascimento do Redentor.

Este homem de controvertida biografia, a quem alguns identificam como o ourives da célebre custódia de Belém, era Gil Vicente. Ele tinha na corte portuguesa a função de organizador das festas palacianas, e foi para ela que escreveu suas comédias, farsas e moralidades.

Ao homenagear o nascimento de um homem e não o de Cristo, como até então faziam os autos de Natal, Gil Vicente, com seu *Auto da visitação ou Monólogo do Vaqueiro*, deu início ao teatro leigo em Portugal, isto é, o teatro profano, praticado fora da Igreja.

Essa primeira peça de Gil Vicente apresentava uma nítida influência da dramaturgia do espanhol Juan del Encina, de caráter pastoral e religioso. Como a corte portuguesa - para quem trabalhou durante 34 anos - era bilíngue, Gil Vicente criou peças em português, em castelhano e algumas nas duas línguas.

Do ponto de vista técnico, a dramaturgia de Gil Vicente era rústica e primitiva. Desconhecia o teatro greco-latino e a tradicional lei das três unidades (único lugar, tempo delimitado e apresentar o mesmo tipo de ação), que sempre caracterizou o teatro clássico.

A formação teatral de Gil Vicente, portanto, reside fundamentalmente nas poucas manifestações de dramaturgia existentes na Idade Média, em geral representações relacionadas com datas religiosas.

Apesar dessas origens, o caráter do teatro vicentino não é teocêntrico. A obra de Gil preocupa-se essencialmente em apresentar o homem em sociedade, criticando os costumes e tendo em vista reformá-los. Trata-se portando, de uma obra com missão *moralizante* e *reformadora*. Não visa atingir instituições, mas os homens inescrupulosos que as compõem.

As peças de fundo religioso, portanto, não almejam difundir a religião nem converter os pecadores, mas demonstrar como o ser humano em geral - independentemente da classe social, raça, sexo ou opção religiosa - é egoísta, falso, mentiroso, orgulhoso e frágil perante os apelos da carne e do dinheiro.

Dessa forma, nenhuma classe ou grupo social escapa à sátira mordaz de Gil Vicente: o rei, o papa, o clérigo corrupto e devasso, o médico incompetente, o curandeiro, a mulher adúltera, a alcoviteira, o juiz desonesto, o camponês, a donzela, o velho, o parvo, a beberrona, a moça da vila, o soldado, o judeu oportunista, o burguês ignorante e materialista. Neste sentido, Gil Vicente mostrava-se crítico diante da nova ordem social e dos valores burgueses que surgiram na sociedade portuguesa do início do século XVI.

  Vale então fazer uma breve análise da obra de Gil Vicente à luz da estética do teatro popular medieval.

**Teatro alegórico:** representação de ideias abstratas com personagens, situações e coisas concretas. *O Auto da Barca do Inferno,* por exemplo, é uma peça alegórica. O cais e as barcas são a alegoria da morte; a barca do inferno é alegoria da condenação da alma; a barca do céu, a da salvação.

**Teatro de tipos:** as personagens de Gil Vicente são sempre típicas, isto é, não são indivíduos singulares nem possuem traços psicológicos complexos; pelo contrário, apenas reúnem os caracteres mais marcantes de sua classe social, de sua profissão, de seu sexo, de sua idade.

**Teatro de quadros:** em geral, as peças de Gil Vicente desenvolvem-se por uma sucessão de cenas relativamente independentes, sem formar propriamente um enredo, uma história que, depois de apresentada, se complica até um ponto culminante e um desfecho.

      No *Auto da Barca do Inferno,* temos uma introdução em que aparecem o diabo e seu companheiro preparando a barca e anunciando a viagem; com a chegada do fidalgo, inicia-se o primeiro quadro, e os outros se sucedem sempre com a mesma estrutura: chegada da personagem, diálogo com o diabo, tentativa de embarque para o céu e, se a personagem é recusada pelo anjo, retorno à busca do inferno.

**Rupturas da linearidade do tempo e despreocupação com a verossimilhança**: mesmo nas peças que possuem um enredo, a sucessão cronológica dos acontecimentos é frequentemente inverossímil ou mesmo absurda.

      Na farsa *O velho e a horta*, um velho hortelão apaixona-se por uma mocinha, pela manhã, o procura para comprar temperos. Ao final do primeiro diálogo, um criado vem avisar-lhe que já é noite e que sua mulher o espera para jantar. Mal sucedido em seus galanteios, o velho apaixonado contrata os serviços de uma alcoviteira, que lhe arranca dinheiro para comprar presentes e empreender a conquista. Numa de suas visitas, a alcoviteira é presa e açoitada. Desconsolado, o velho recebe a notícia do casamento da moça por quem se apaixonara. Tudo isso acontece numa sucessão ininterrupta, marcada apenas pela entrada e saída de personagens, e a única marcação de tempo, como se viu, é inverossímil.

**Teatro cômico e satírico:** as peças de Gil Vicente, em sua maioria, são comédias de costumes, seguindo o lema latino *ridendo castigat mores* (pelo riso corrigem-se os costumes). O dramaturgo lança mão de inúmeros recursos eficientes para provocar o riso: personagens caricaturais; situações absurdas; desencontros imprevistos e ridículos. Mas é sobretudo o poder de sua linguagem que faz cócegas na plateia.